

PASSAGEIROS DE BONDES: LEITORES DE JORNAIS NA CARICATURA DE K.LIXTO

Valéria GUIMARÃES*

Resumo

Este artigo visa contribuir para a história da leitura de jornais no Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX. A partir de caricaturas de uma série humorística de K.Lixto publicadas na revista *Fon-Fon*, buscamos fazer uma análise sócio-cultural das representações do leitor, cotejando as imagens com outros tipos de documentos. A fim de explicitar a inserção do mercado de periódico do Brasil no contexto de desenvolvimento da imprensa ocidental, levantamos algumas hipóteses sobre as singularidades das práticas de leitura do brasileiro.

Palavras-chave: História da leitura - representação - jornal

STREETCAR PASSENGERS: NEWSPAPER READERS IN THE K.LIXTO CARICATURE

Abstract

The purpose of this paper is to contribute for the history of reading and the medias studies in Rio de Janeiro of the late 19th and early 20th centuries. Our starting point is the caricatures of K.Lixto published in the *Fon-Fon* magazine. We search to make a analysis of the reader's representations and to compare the images with other documents. So as to explain the Brazil insertion in the world media market, we raise some hypotheses about the singularity of the Brazilian's reading practice.

Key words: history of reading - representation - newspaper

A caricatura é uma representação que deixa espaço para a imaginação dos leitores completarem seus possíveis significados. Estabelecendo uma "relação imediata com o real"¹, tem no cotidiano um elemento essencial de sua composição. Imagem cifrada até mesmo para contemporâneos, para um leitor que se distancia no tempo ler uma caricatura impõe um exercício de interpretação que deve ser cercado de referências que possibilitem a reintegração desta imagem a um conjunto.

* Valéria Guimarães é doutora em História Social pela USP, pós-doutoranda em Comunicação no CEO-COS-PUC-SP e pesquisadora associada do CHCSC-UVSQ. São Paulo/SP- Brasil – E-mail: valeriaguimaraes@terra.com.br

De acordo com Annie Duprat são pontos importantes na leitura de qualquer imagem: o estudo de seu suporte material, dos signos, das situações representadas, dos autores, do ambiente sócio-cultural além do estabelecimento de sua datação e do pertencimento a uma coleção entre outros pontos que se distinguem dependendo de sua natureza.²

Muitas vezes a imagem antecipa o real, ou seja, age sobre este ao representá-lo. A autora dá o exemplo das caricaturas de Luís XVI figurando como um porco por ocasião de sua fuga de Paris em 1791. O desenho é a morte simbólica do rei antes mesmo de sua morte, em 1793, tendo criado, talvez, condições para esta.³ Ou seja, a imagem não é apenas um resultado, mas é também agente da realidade.

O documento iconográfico goza de autonomia e não pode ser, portanto, apenas apoio a um discurso alheio a ele. A caricatura, em particular, está ao par do cotidiano e dialoga com outras expressões que se dedicam a acompanhar o passo rápido dos eventos mas essa "grande abertura para a própria época poderá gerar um certo hermetismo para épocas futuras."⁴ Não à toa, um dos seus lugares mais freqüentes é o periódico. Gênero renegado à "desviante",⁵ foi recuperado por Baudelaire como representação e prática artística. A caricatura era vista por este como ainda mais instigante que as notícias por ter um elemento de "misterioso, durável e eterno".⁶

O que selecionamos para nossa reflexão são duas caricaturas do artista Calixto Cordeiro sobre passageiros de bondes leitores de jornais publicadas na *Revista Fon-Fon* em 1907, parte de uma série de peças humorísticas sobre os tipos cariocas. Juntamente com Raul Pederneiras, outro conhecido caricaturista da República Velha, K.Lixto, como assinava, era responsável pela direção artística desta revista.⁷ Nos interessa a caracterização destes leitores na capital do Rio de Janeiro na primeira década do século XX para tentarmos entender um pouco mais sobre as práticas de leitura de então.

A princípio faremos uma leitura das imagens, contextualizando-as. Daremos destaque às representações dos leitores que nela aparecem. Depois, trabalharemos com alguns dados sobre o leitorado carioca tais como estatísticas de leitores da Primeira Seção (impressos e periódicos) da Biblioteca Nacional e testemunhos de contemporâneos. Por fim, arriscaremos algumas conclusões sobre uma história da leitura da imprensa no Brasil.

Leitores cariocas

FON-FON

Passageiros de bonds

Bem se podia adoptar para apherismo da sabedoria popular a expressão exacta de que pelo embrulho se conhece o passageiro.

E é fustoso o labor caótico do ganhão-diário, he toda uma população ordeira e trabalhadora que do centro da cidade, se bifurca para as diversas estações de bond em busca do vehiculo

outros bairros, principalmente Tijuca e Rio Comprido.

Agora, quando vós'is virem um cidadão afobado, com o chapéo enterrado até as orelhas, guardando

chuva muito apertado debaixo de um dos braços e debaixo do outro um grande embrulho de papel de jornal; ares assustadigos, como quem vae sempre com medo de que lhe aconteça algum desastre, jurem, podem jurar que é morador de Villa Isabel, freguez obrigado do *perigo amarello*. Apesar do seu aspecto de assustado, é sem duvida, o passageiro mais valente e mais... resigado. O Destino condemnou-o a viajar nos bonds da Light e muitas vezes o pobre diabo ainda não tem seguro de vida, nem fez testamento.

Um tipo singular é o do passageiro dos bonds da "S. Christovam". É calmo, anda de vagar e tem sempre a expressão de quem não tem pressa; é fustoso do habito; acostumou-se á rapidez dos seus bonds e empresta á vida esta excessiva qualidade. Sabe de cor o horario dos bonds e... resig-se, um dia ha de chegar ao seu destino. Leva quasi sempre dois embrulhos pequenos, pendurados ao delfo minimo das mãos e... dos os jornais da tarde. Sim, que é preciso fazer alguma coisa durante essa viagem interminavel. Sabe de cor o nome de todos os companhheiros de viagem e conhece todas as pessoas do seu bairro. Sem

se incomoda; fica esperando, até que chegue a leitura de todos os jornais, ainda lhe sobra largo tempo para uma boa palestra. Por isso nos bonds ganho ou o ultimo carreto, que deve entregar na da "S. Christovam, todos se conhecem... todos se estimam.

tempo de sobra para decorar tudo isto. Terminada a sua vez. Transporta consigo ou o resto do ganho ou o ultimo carreto, que deve entregar na manhã seguinte. Discute com o conductor o preço da "bagagem", puxa a fumaça do cachimbo ou do "quebra-queijos", e lá vae. Também um dia ha de chegar ao seu destino.

O mais apressado de todos é o morador dos subúrbios, freguez assíduo dos trens da Central. Tem um ideal na vida... tomar o "expresso", não perder o "expresso", conhecer o horario do "expresso". Ando sempre correndo; seu correndo do escriptório ou da alfandega, da Caixa de Amortização ou da Prefeitura.

Salla dos bonds correndo... vae apañar o "expresso", que o leva ao subúrbio em 10 minutos. Não é um homem, é a propria velocidade, mas não esquece, isto nunca, o embrulho, o classico, o regimental embrulho de... pão. Ah! este homérico embrulho de pão é o denunciador eterno do habitante dos subúrbios. De perder o "ponto", pode perder o "expresso", esquecer as horas, mas o que elle não esquece nunca, nem nos dias de revolução ou de cataclysmo é o embrulho de pão. Sem

Passageiros de Bonds - a cada embrulho (e jornal) corresponde um passageiro. Revista Fon-Fon, Rio de Janeiro, 06/07/1907.

Nas duas páginas, as caricaturas aparecem acompanhadas de um texto, o que é comum neste tipo de desenho. O suporte "revista" dava mais espaço para a escrita, que pode se espriar pelas páginas à vontade, como o uso do espaço para textos mais longos que entretêm o leitor com muito humor, procedimento mais raro no jornal.

A *Fon-Fon* era uma revista ilustrada de alta qualidade, nascida no bojo da modernização tecnológica que possibilitou a dinamização e diferenciação dos impressos periódicos. Utilizava papel brilhante, capas coloridas e seções com fotografias da alta sociedade. Cobria assuntos mundanos, moda, curiosidades e publicava poemas em outros idiomas como francês e inglês, contos, crônicas e ilustrações, falando diretamente ao leitor com sua escrita ágil e leve.⁸

A presença da arte de Daumier no periodismo brasileiro contava com a tradição de nomes como Manoel Araújo Porto-Alegre, Angelo Agostini entre outros. E revistas contemporâneas e concorrentes de *Fon-Fon* não dispensavam o humor ilustrado como *O Tagarela*, *Figuras e Figurões*, *A Caricatura*, *Revista da Semana*, *O Malho*, *Kosmos*, *Careta*, *O Tico-Tico*, *A Vida Moderna*⁹ e outras tão ou menos *chics* que ela.

Essa modernidade era traduzida também na onomatopeia do título que imitava a buzina de um automóvel e remetia à urbanização acelerada com o aumento de veículos que não dependiam mais da tração animal, como também era o caso dos modernos bondes elétricos, assunto de que trata a caricatura que vimos.

Bem se podia adotar para aforismo da sabedoria popular a expressão exata de que pelo embrulho se conhece o passageiro.

E é. Empós o labor cansativo do ganha-pão diário, há toda uma população ordeira e trabalhadora que, do centro da cidade, se bifurca para as diversas estações de Bond em busca do veículo barato e cômodo que a leve à paz desejada do lar no sossego calmo dos arrabaldes longínquos.

Assim, o autor segue, deduzindo o destino de cada um de seus personagens urbanos pelo que carregam, a começar pelo primeiro desenho que se vê à esquerda:

Sujeito adamado, com ares de capitalista, feições de boa vida, aspecto calmo, trazendo a mão apenas a elegância de uma *valise* e um jornal da tarde, para as distrações da viagem, podem afirmar sem medo de erro ou contestação, mora em Botafogo, é freguês dos bonds do "Jardim Botânico", tem residência nas ruas calmas do bairro fidalgo. Se não é adido de legação é empregado de corretor ou de qualquer William Broad & C. Ltd.

E fiquem sabendo que ele olha com um certo ar de desprezo e de superioridade para o pobre diabo que reside em outros bairros, principalmente Tijuca e Rio Comprido.

Os fluxos de pessoas e de transportes coletivos dão organicidade à capital carioca que se constituía como cidade moderna. A topografia da cidade fica condicionada à aparência do passageiro o que inclui a prática de ler jornais.

Agora, quando vocês virem um cidadão afobado, com o chapéu enterrado até as orelhas, guarda-chuva muito apertado debaixo de um dos braços e debaixo do outro um grande embrulho de papel de jornal; ares assustadiços como quem vai sempre com medo de que lhe aconteça algum desastre, jurem,

podem jurar que é morador de Vila Isabel, freguês obrigado do *perigo amarelo*. Apesar do seu aspecto de assustado, é sem dúvida, o passageiro mais valente e mais... resignado. O Destino condenou-o a viajar nos bonds da Light e muitas vezes o pobre diabo ainda não tem seguro de vida e não fez testamento.

Conforme seu aspecto muda, dado por uma série de signos como a indumentária, os acessórios e o gestual, tanto o destino, a condição social e o suposto endereço mudam, incluindo o jornal – ou o uso que faz dele. No caso deste morador de Vila Isabel, o periódico é usado apenas para embrulhar o pacote. Os bonds da Light eram assim chamados por serem amarelos e estarem associados a diversos acidentes pela cidade. Fica subentendido que nele não dava para ler jornal, ou porque sacudisse em demasia ou porque seria perigoso se arriscar a distrações e ficar sujeito aos solavancos que podiam acabar em desastres. Além disso, o humorista faz um trocadilho com a cor do veículo que remete à discussão sobre a imigração de mão-de-obra oriental, discussão esta acalorada e iniciada ainda no Império, tendo popularizado a expressão "perigo amarelo".

O terceiro personagem do desenhista, acima à direita, é descrito como "um tipo singular": lento, calmo, quase provinciano, ou dito de outra maneira, um reflexo do próprio bonde de que depende.

Um tipo singular é o do passageiro dos bonds da "São Cristovam". É calmo, anda devagar e tem sempre a expressão de quem não tem pressa; é a força do hábito; acostumou-se à "rapidez" dos seus bonds e empresta à vida esta excelsa qualidade. Sabe de cor o horário dos seus bonds e... resigna-se, um dia há de chegar ao seu destino. Leva quase sempre dois embrulhinhos pequenos, pendurado no dedo mínimo das mãos e... dois jornais da tarde. Sim, que é preciso fazer alguma coisa durante essa viagem interminável. Sabe de cor o nome de todos os companheiros de viagem e conhece todas as pessoas do seu bairro. Sem [sic- *Tem*] tempo de sobra para decorar tudo isto. Terminada a leitura de todos os jornais, ainda lhe sobra largo tempo para uma boa palestra. Por isso nos bonds da "S. Cristovam" todos se conhecem... todos se estimam.

Ao lado da crítica sobre a falta de qualidade do transporte público, os jornais aparecem como leituras de distração para a longa jornada a ser enfrentada. Neste caso são necessários dois deles. Já o personagem seguinte tem sua relação estabelecida com o jornal pela ausência:

"Carris Urbanos". É da gente modesta, do trabalho pesado e esfalfante. Espera o *bondinho do tostão* para a Praia Formosa ou para S. Diogo com uma paciência de fazer inveja ao próprio Jó. De duas em duas horas passa um bond... cheio, ele não se incomoda; fica esperando até que chegue a sua vez. Transporta consigo ou o cesto do ganho ou o último carreto, que deve entregar na manhã seguinte. Discute com o condutor o preço da "bagagem", puxa a fumaça do cachimbo ou do "quebra-queixo" e lá se vai. Também um dia há de chegar ao seu destino.

Este passageiro é representado aqui por um homem descalço, signo que remete à escravidão, uma vez que aos escravos não era permitido o uso de sapatos.¹⁰ Ele tem o "cesto do ganho", alusão ao trabalho de "ganho" a que muitos cativos se dedicavam seja para aumentar a renda de seus proprietários, seja como forma de conseguir acumular o valor para comprar uma sonhada carta de alforria. Se já não existe mais a escravidão, são todos estes índices uma alusão direta à pobreza, a trabalho árduo e à miscigenação. É aquele que pega o "bonde do tostão": o mais barato, o mais lento e raro, ou seja, o mais precário. O interessante é a ironia com a paciência deste passageiro a enfatizar a crença na índole pacífica dos trabalhadores pobres ou mesmo a delatar a existência de uma população apática que não reivindica seus direitos.

E ainda, outro personagem em que o jornal não é citado no texto, embora representado na figura:

O mais apressado de todos é o morador dos subúrbios, freguês assíduo dos trens da Central. Tem um ideal na vida... tomar o "expresso", conhecer o horário do "expresso". Anda sempre correndo: sai correndo do escritório ou da Alfandega, da Caixa de Amortização ou da Prefeitura. Salta dos bonds correndo, vai apanhar o expresso que o leva ao subúrbio em 10 minutos. Não é um homem, é a própria velocidade!

É o funcionário público. Sua figura é a que melhor encarna a modernidade técnica desta cidade: a velocidade do "expresso" que se personifica nas máquinas (de café e de transporte – o trem, bem mais rápido que o bonde) e na sua própria figura, o trabalhador que exerce as funções burocráticas no centro comercial. Certamente alfabetizado, uma vez que identificado com atividades que exigem essa formação, também lê jornais. Na figura é possível ver como nas mãos leva além do embrulho, um jornal amassado – pode ser que o leia apressadamente, aproveitando as pequenas

notas das seções de fatos diversos que a esta altura estão se multiplicando pelos cotidianos. Talvez a omissão do jornal no texto se dê pelo contexto da velocidade: tudo tão rápido que o jornal é levado na mão sem ser aberto para leitura por falta de tempo.

Por fim, o estrangeiro, em tudo excêntrico, até em seus hábitos de leitura:

Como todo tipo exótico de passageiro, como fenômeno sobrenatural de transeunte, temos ainda o morador de Santa Teresa, frequentador dos bonds elétricos da "Carioca". É quase sempre estrangeiro e inglês quase sempre. Não usa "embrulho" mas traz uma *valise* amarela, um número ilustrado do *Graffic*, três magazines e uma pequena taboa para jogo de xadrez (...).

O morador de Santa Teresa carrega vários signos da elegância e da civilização: é estrangeiro, prescinde dos embrulhos, traz uma *valise* e vários tipos de revistas ilustradas e importadas, o que fica explícito tanto pelo título em inglês de uma delas, *Graffic*, como pelo emprego da palavra "magazine" que quer dizer revista em inglês e em francês.

Nas caricaturas fica subjacente a ligação entre jornalismo e modernidade: quem lê jornal está inserido no mundo civilizado, o que é aparente seja pela roupa, seja pela postura (com as gradações que o humorista faz questão de enfatizar), pelo bairro em que mora, estabelecendo uma topografia social da cidade, e pelo tipo transporte que utiliza.

O que queremos destacar, porém, diz respeito aos hábitos de leitura de periódicos, em particular do jornal, o artefato cultural mais representado nesta sequência.

Quem pertence à sociedade tradicional, a população mais pobre, não leva o jornal à mão. E, por fim, aquele que é visto como o mais civilizado de todos, o estrangeiro, lê revistas, que eram normalmente mais caras que o jornal, apresentavam uma diagramação mais sofisticada recheada de fotos e ilustrações, uma temática mais variada e cujo papel utilizado era de melhor qualidade, por vezes brilhante, ao contrário dos cotidianos. Isso pode ser entendido como uma referência ao público leitor da própria *Fon-Fon*, mais elitizado que o do jornal.

A representação dada pela caricatura traz em seu bojo as características do exagero ou, como na definição de Annie Duprat:

A caricatura é um desenho polêmico que utiliza seja a deformação dos corpos, seja a animalização, seja uma encenação. Se ela não tem sempre a vocação de disparar o riso, ela procura ridicularizar, a provocar, ou ainda a estigmatizar uma situação ou pessoa.¹¹

Mas o que poderia ter levado o desenhista a escolher este tipo de representação jocosa dos leitores de jornais? Tentando definir o brasileiro, o faz por situações cômicas, típico da linguagem caricatural. Ainda que ele estabeleça um jogo de associação com as classes sociais que parece à primeira vista reproduzir o esquema dicotômico entre pobreza e ignorância, riqueza e erudição,¹² ele também mostra leitores de jornais como tipos bem comuns. Eles são, antes de mais nada, trabalhadores para os quais o jornal era passatempo imprescindível das novas formas de sociabilidade na cidade que crescia.

Se não se pode falar em leitura universal no Rio de Janeiro da época, onde a herança da escravidão pesa na exclusão (como no passageiro do "bondinho do tostão") e a origem estrangeira garante o hábito da leitura, também não podemos falar na restrição da leitura de periódicos a apenas uma elite. Ou, ao talvez, K.Lixto revele uma necessidade dessas camadas médias, a que ele próprio pertencia, de se auto-representar como leitora.

Mas somos inclinados a acreditar que além de crescente, o público leitor era cada vez mais variado, tema do qual já tratamos em outra ocasião.¹³ Em termos sócio-culturais, parece que a caricatura quer mostrar um processo de ampliação do leitorado, mesmo que restrito a jornais, e sua relação com as novas tecnologias da modernidade, como o bonde. Alguns meses depois, em outro número da mesma revista *Fon-Fon*, K.Lixto volta a tratar do assunto das viagens de bonde.

FON-FON!

Viagens de Bond

Estafado, moído por um longo trabalho massador de todo o dia, sai um pobre diabo do escritório às seis da tarde, ansioso pela *pontinha* de um banco de bond da "Jardim Botânico", que o conduza plácida e venturosamente à casa, lá nos fins da Gávea ou de Copacabana.



Quer levar a notícia e logo no ponto dos bonds cinco ou seis garótos, avançam-lhe em cima empurrando-lhe o jornal pela cara.

Paciente, sofre este primeiro abalo e espera o seu bond. Seis horas, houve Conferencia no Instituto; a Avenida enche-se de moças; sob o alpendre da "Jardim Botânico" apinha-se uma grande quantidade de Povo avida também pelo seu bond. E elle espera. Passa o primeiro, passa o segundo, passa o terceiro, todos cheios, todos repletos desde a *parada* do Lyrico.

E' o pobre coitado continua a esperar pacientemente.

Afinal lá surge um bonde e com uma *pontazinha* desocupada no quarto banco.

E o ideal pensa elle. No quarto banco pode-se fumar e não se recebe a fumaça dos que fumam.



E lá se aboleta na desejada *pontazinha*. Sentase, acende o cigarro, abre a *Noticia* e segue viagem.

Na frente viaja uma elegante senhora de branco eterno, vestido branco. Do lindo chapéu de

flores artificiaes, esvoaça um desses véos modernos de mais de um metro de comprimento. Uma dessas deliciosas *voilettes longues* que são o encanto da moda de hoje.



E lá vae o bond. E lá vem o vento. Dá no véo, elle agita-se e começa o tormento do pobre diabo. Toca-lhe a ponta do nariz e... elle não tem outro remedio senão espirrar. Faz-lhe cocega á orelha, tapa-lhe a cara, envolve-o todo.

E elle acaba mudando de lugar, passando para a *pontazinha* do primeiro, onde, embora não possa



fumar, vê-se livre do tormento virginal daquelle cortinado.

Intimamente vae desesperado; mas que ha de fazer. São tão lindas essas *voilettes*.

A Companhia é que bem podia remediar o mal. Os bonds têm hoje 10 bancos, que podiam ser assim divididos: os tres primeiros ficariam reservados para os que não fumassem, os tres ultimos para as senhoras que usassem véos no chapéu e os quatro restantes para... o resto da humanidade soffredora.

Fragmentos do "L'ovo D'iccionario"

- Bandeira** Cavilho de panno no cruzamento das ruas que tem em geral uma perna só.
- Banda** Cinta musical do lado opposto da artilharia
- Boneca** Brinquedo de lustrador cuja casa é no theatro.
- Chavão** Grande chave muito gasta.

A ESMERALDA

Compra e venda de joias, relógios e brilhantes. Preços desafiando toda competência. Importação directa - C. GRASSY Travessa Francisco B. R. DE JANIRO.

Viagens de Bond - a impertinência dos vendedores de jornal, leitura obrigatória nas longas viagens de bondes pela cidade

Revista *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 05/10/1907

Viagens de Bond

Estafado, moído por um longo trabalho massador de todo o dia, sai um pobre diabo do escritório às seis da tarde, ansioso pela *pontinha* de um banco de Bond da "Jardim Botânico", que o conduza plácida e venturosamente à casa, lá nos fins da Gávea ou de Copacabana.

Quer levar a notícia e logo no ponto dos bonds cinco ou seis garotos, avançam-lhe em cima empurrando-lhe o jornal pela cara.

Paciente, sofre este primeiro abalo e espera o seu Bond. Seis horas, houve Conferencia no Instituto: a Avenida enche-se de moças; sob o alpendre da “Jardim Botânico” apinha-se uma grande quantidade de Povo ávida também pelo *seu* Bond. E ele espera. Passa o primeiro, passa o segundo, passa o terceiro, todos cheios, todos repletos desde a *parada* do Lyrico. E o pobre coitado continua a esperar pacientemente.

Novamente, a crítica vai para a qualidade do transporte público. O personagem é o trabalhador de escritório, ou seja, alfabetizado. E outra vez sua ambição é um assento no bonde e um jornal para poder se distrair, após o cansaço da rotina estafante. A primeira cena cômica do conjunto de cinco desenhos, porém, não mostra o bonde. O que se pode ver é apenas a cabeça do personagem principal – o escriturário – tentando escapar à fúria de um amontoado de vendedores de jornais.

A figura do vendedor ambulante de jornais era recorrente e índice das novas estratégias editoriais na acirrada disputa pelo leitor. Embora cada vez mais comum no Rio de Janeiro se comparamos ao contexto do resto do país, o leitorado é ainda pequeno se cotejado com a realidade européia ou americana, por exemplo.

A imagem que segue logo abaixo, do homem encostado ao poste na solitária espera do bonde, bem que poderia ser associada à do homem na multidão na Paris ou Londres do século XIX de que fala Benjamin ao citar as obras de Poe e Baudelaire, guardada as devidas proporções.¹⁴ Sabemos pelo texto que ele não está sozinho. Há muita gente, são seis horas da tarde, fim do expediente. São 5 ou 6 garotos a vender jornais e a figura de outro chegando ao fundo dá a ideia de que são ainda mais numerosos. São várias moças que saem da "Conferência do Instituto". E, se não bastasse, há todo o "Povo", que ele grafa com maiúscula, como a dar personalidade a esta entidade abstrata e coletiva. É muita gente. E, solitário, o protagonista espera a condução no meio da multidão tão característica da modernidade que K.Lixto tenta reproduzir nos trópicos. Até que, enfim, o bonde chega.

Afinal lá surge um bonde e com uma *pontazinha* desocupada no quarto banco.

É o ideal - pensa ele. No quarto banco pode-se fumar e não se recebe a fumaça dos que fumam.

E lá se aboleta na desejada *pontazinha*.

Senta-se, acende o cigarro, abre a *Notícia* e segue viagem.

Na frente viaja uma elegante senhora de branco (o eterno vestido branco). Do lindo chapéu de flores artificiais, esvoaça

um desses véus modernos de mais de um metro de comprimento.
Uma dessas deliciosas **voilettes longues** que são o encanto da moda de hoje.
E lá vai o Bond. E lá vem o vento. Dá no véu, ele agita-se e começa o tormento do pobre diabo. Toca-lhe a ponta do nariz e... ele não tem outro remédio senão espirrar. Faz-lhe cócega á orelha, tapa-lhe a cara, envolve-o todo.
E ele acaba mudando de lugar, passando para a pontazinha do primeiro, onde, embora não possa fumar, vê-se livre do tormento virginal daquele cortinado.
Intimamente vai desesperado; mas que há de fazer. São tão lindas essas **voilettes**.
A Companhia é que bem podia remediar o mal.
Os bonds têm hoje 10 bancos, que podiam ser assim divididos: os três primeiros ficariam reservados para os que não fumassem, os três últimos para as senhoras que usassem véus no chapéu e os quatro restantes para... o resto da humanidade sofredora.

Conseguido seu intento de subir em um bonde e sentar-se, o personagem finalmente lerá seu jornal. Até ser interrompido por outro signo da modernidade: as novas modas, neste caso, a dos longos "véus modernos". Repare-se que na terceira imagem o leitor do jornal *A Notícia*¹⁵ não aparece lendo – ele está de preto – pois o véu o atrapalha, o que só piora no quadro seguinte. Mas pelo menos outros três personagens lêem: dois lêem jornais e um lê livro.

Na última figura, quando ele, vencido pelo véu, muda de lugar, todos os personagens lêem, inclusive a mulher. Ele tem o jornal nas mãos e o olhar voltado para baixo, ficando mais implícito o ato da leitura. Mas os outros, não, estão com os jornais e o livro bem abertos, dando a entender que o hábito de ler jornais era muito comum entre vários tipos sociais.

As inversões dadas pelas representações humorísticas que mostram os leitores em situações um tanto quanto patéticas, só enfatizam a novidade que significavam essas novas práticas de leitura. E estas aparecem ligadas a símbolos da modernidade como o bonde, a moda, a multidão, as novas profissões que representam uma nova "realidade técnica"¹⁶ da qual o jornal faz parte como resultado da produção para o mais amplo número de leitores.

Mas como se dá a expansão da prática da leitura de jornais entre nós?

Uma imprensa para o maior número

Em fins do século XIX começou a se operar em nossa imprensa um movimento de universalização dos padrões do jornalismo. Era possível distinguir jornais cada vez mais voltados para um público diversificado e jogando com um repertório mais amplo que aquele dos interesses de grupos políticos, que tanto marcaram a era dos pasquins – pequenas folhas dedicadas a defender projetos específicos e com pouco espaço para a informação.

Uma série de fatores contribuiu para a ascensão do mercado de periódicos brasileiro. Novas técnicas de impressão propiciadas pelo desenvolvimento tecnológico e em larga medida adotadas da experiência estrangeira foram determinantes, sem dúvida. Mas de nada adiantariam se não contassem com a integração ao circuito editorial ocidental que ocorreu em decorrência do incremento do sistema de comunicação e transportes. Ou seja, o que ocorre no Brasil não é um fenômeno isolado e só pode ser compreendido em relação a este contexto mais amplo.

De outro lado, as condições internas eram cada vez mais favoráveis, com a dinamização da economia, o crescimento de algumas capitais e a formação progressiva da opinião pública, o que fez com que editores de jornais começassem a investir com mais afinco em diversificação e informação.

Temos que se configuram duas fases deste novo jornal que se volta cada vez mais para a informação após 1850, num primeiro momento marcado por uma estrutura simplificada da empresa jornalística, sem a constituição de um corpo de profissionais que cumprisse a função de captar a informação mais recente e sem a utilização do telégrafo, que foi adotado no Brasil apenas em 1877.¹⁷ Após esta data, podemos falar em uma segunda etapa, onde o jornal se torna definitivamente uma empresa, com modernização tanto na estrutura empresarial como no aporte tecnológico, adotando as novidades do maquinário e novos meios de comunicação como o já citado telégrafo.

Não temos a pretensão de sistematizar precisamente estas duas etapas que julgamos existir uma vez que a diversidade das folhas era uma realidade e que as mudanças não se deram de maneira linear.¹⁸

Um exemplo é a tendência, ainda na década de 70 do século XIX, da maioria dos jornais noticiar ocorrências locais, de pouco interesse geral, denotando o provincianismo da imprensa, como esta nota do jornal carioca *Gazeta de Notícias* de 1875: "Não se pode passar pela rua das Flores sem se correr o risco de ser mordido por dois enormes cães de fila".¹⁹

A figura do repórter, por exemplo, central para o jornalismo de informação, era rara. Na *Gazeta de Notícias*, em 1876, ainda era comum a figura dos "informantes" o que

pode ser atestado em frases como "Este fato foi nos narrado por pessoas que o presenciaram e a quem damos todo o crédito".²⁰ Ora, isso comprometia a leitura pois a checagem da informação nem sempre era possível e a credibilidade do informante dependia de sua reputação como cidadão.

Publicada desde 1875, sendo o jornal mais barato,²¹ a 40 réis, a *Gazeta* apresentava tiragem de 12 mil exemplares, elevando este número para 13.500 em 1876, 24 mil em 1880, 35 mil em 1890, 40 mil em 1891 cifra que permanece até 1895, após o que não traz mais os dados no cabeçalho. Era uma tiragem insignificante em termos mundiais, mas bem considerável para os padrões brasileiros.²² Desde o primeiro ano de publicação traz telegramas da agência Havas-Reuter, cujo escritório tinha sido recém implantado – até então as notícias do exterior chegavam por carta.²³

Quer dizer, já era um jornal inserido na segunda fase da modernização, com o uso do telégrafo, mas ainda permanecia com essas características mais arcaicas, como o uso de informantes ao invés de ter um corpo profissional.

Já as notícias vindas do estrangeiro ficavam, na primeira fase, à mercê da chegada dos paquetes (navios a vapor) resultando em situações cômicas, como José de Alencar nos expõe em suas crônicas publicadas em jornais entre 1854 e 1855 e que foram reunidas no volume intitulado *Ao Correr da Pena*.²⁴

Há três ou quatro vapores soubemos que se preparava a expedição da Criméia; depois disto, as notícias vieram, e continuaram a vir pouco mais ou menos desta maneira.

– As forças aliadas embarcaram. – estão em caminho. Devem chegar em tal tempo. – Chegaram. – Desembarcaram. – Reuniu-se o conselho general para resolver o ataque. – O ataque foi definitivamente decidido. – Começou o assalto. – Interrompeu-se o combate para que os pintores ingleses tirem a vista da cidade no meio do assalto. – Continuou o combate. – Fez-se uma brecha. – Nova interrupção para tirar-se a vista da brecha.

Isto, a dois paquetes por mês, dá-nos uma provisão de notícias que pode chegar até para meados do ano que vem. Provavelmente durante este tempo mudar-se-ão os generais, e os pintores da Europa terão objeto para uma nova galeria de retratos, os escritores tema para novas brochuras, e os jornalistas matéria vasta para publicações e artigos de fundo. E todo este movimento literário e artístico promovido por um bárbaro russo, o qual com a ponta do dedo abalou a Europa e tem todo o mundo *suspense!*²⁵

O autor mostra como a informação dependia do transporte marítimo e as notícias provindas da Europa podiam ser lidas nos jornais brasileiros ao sabor da chegada dos

navios seja por cartas, seja pela importação de jornais, dando assunto para mais de semana nas rodas dos informados. Ele brinca com o efeito dado pela sucessão de notas que resulta do resumo do acúmulo de notícias e reflete sobre a prática jornalística européia: a mobilização de vários profissionais da informação (pintores das cenas de guerra, escritores e jornalistas) a qual produz uma série de dados que, a partir de um fato deflagrador, gera notícia.

O que não ocorre aqui, onde a atividade ainda era incipiente e estava se estruturando, embora já gozasse de determinada autonomia em relação à cobertura da conjuntura interna. Já a informação do exterior ficava mais comprometida – e, diga-se de passagem, isso não ocorria apenas com o jornalismo nacional. Manter correpondentes era absolutamente dispendioso. Por este motivo e trabalhando sempre sob esta perspectiva comparativa que o nosso objeto impõe, o jornalismo brasileiro, embora sofrendo um descompasso em relação ao europeu e americano, natural devido às restrições impostas pelo exclusivo colonial até pouco tempo antes, estava bem ao par da atividade periódica internacional, consideradas as devidas proporções de recursos e público leitor.

De qualquer forma, ao atravessarem o oceano estas notícias perdem sua característica original de "atualidades" e se transformam em um conjunto *nonsense* de comunicados que alimentam nosso jornalismo e as conversas por meses seguidos.

Porém, a partir de fins do século XIX, a situação tende a mudar com o uso do telégrafo pelas agências de notícias e o jornalismo brasileiro se torna ainda mais parecido com o aquele feito pelo mundo, voltado para as referências básicas da Europa, sobretudo a francesa que, como em várias instâncias culturais, predominou no Brasil até meados do século XX. Isso não se dá por mera cópia. Sugerimos que deve ser entendida como resultado desta integração do circuito da informação onde há uma interação do imaginário formado pelas informações compartilhadas nos dois hemisférios do planeta, favorecida pela tecnologia do telégrafo que a cada dia fornece as novidades "frescas" dando mais coerência às notícias provindas do estrangeiro.

A nova tecnologia era imprescindível para suprir a necessidade de rapidez das redações e fazer frente à concorrência crescente, sem dúvida. E passa a ser adotada com maior frequência. Porém, é preciso dizer, o telégrafo não substitui o pacote. Eles convivem lado a lado, em sobreposições temporais que se estabelecem neste entrelaçamento entre passado e futuro,²⁶ entre o que Koselleck chamou de "espaço da experiência" – o passado incorporado ao cotidiano – e de "horizonte de expectativa" –

o presente voltado ao futuro, estabelecendo uma tensão que está no âmago do que se convencionou chamar tempos modernos.²⁷

No *Extrato do Catálogo Geral da Agência de Assinaturas para todos os jornais estrangeiros* da Livraria Lombaerts & C., de 1887, a livraria francesa enfatizava a pontualidade de seus serviços como forma de conquista de clientes, o que faz crer na existência de concorrentes do mercado periódico:

Esta antiga e acreditada agência, única no Império que tenha estabelecido serviço especial e regular para periódicos publicados fora do país, oferece as melhores garantias de rapidez, pontualidade e modicidade.

Preço Anual dos jornais mais importantes, para 1887, na Corte Fora da Corte mais 2\$000.

E abaixo vinham listados 60 títulos de periódicos franceses, revistas e jornais, entre eles o *Le Petit Journal*, um dos mais baratos e populares na França, a 16\$000. Para se ter uma idéia, o *Figaro* era vendido a 22\$000, o *Journal des Enfants* a 9\$000, a *Revue des Deux Mondes* a 35\$000 e a *Revue Britanique* a 35\$000.

Infelizmente o documento está mutilado e a lista dos jornais em outros idiomas não pode ser lida. De qualquer forma, o documento deixa ver que os antigos métodos estavam ainda bem ativos. Se o jornalismo já não dependia do pacote para se colocar ao par dos acontecimentos mundiais, os leitores ainda continuavam a ler os periódicos estrangeiros como maneira de se informar, se formar ou se entreter. E esta informação era predominantemente francesa.

Comprovando a consolidação do hábito de ler periódicos entre os cariocas temos ainda o registro de leitores da Biblioteca Nacional de 1902. É possível observar na tabela abaixo jornais e revistas eram os mais pedidos nas salas de leitura, com 10.369 volumes consultados em um ano. E, confirmando o predomínio do francês podemos verificar as cifras que vêm sob a rubrica "línguas" logo abaixo nesta mesma tabela.

Embora não sejam exclusivas para periódicos, dão uma ideia clara da preferência da língua gaulesa entre as estrangeiras, com 9.771 exemplares lidos, perdendo apenas para o português, com 21.706 obras requisitadas, e bem acima do inglês, em terceiro lugar, com 1.015 exemplares.

Tabela 01			
Materiais	Obras consultadas na Biblioteca	Obras emprestadas	Somas
Belas Letras	7726		7726
História e Geografia	2632		2632
Ciências Matemáticas	1945		1945
" naturais	2423		2423
" médicas	3259		3259
" jurídicas	2147	4	2151
" sociais	731		731
Teologia	135		135
Filosofia	622		622
Artes	601		601
Relatórios	166		166
Bibliografia	119		119
Almanaks	169		169
Jornais e Revistas	10366	3	10369
Enciclopédias	1249		1249
	34290	7	34297
Línguas			
Português	21702	4	21706
Francês	9770	1	9771
Inglês	1014	1	1015
Italiano	588		588
Espanhol	384	1	385
Latim	315		315
Alemão	452		452
Grego	25		25
Tupy-guarany	38		38
Arábico	2		2
Total	34290	7	34297

Anais da Biblioteca Nacional – 1902 (tabela reproduzida na íntegra)

Na Tabela 02, composta por dados dos relatórios dos Anais da Biblioteca Nacional entre os anos de 1912 e 1916, vemos um aumento de consulta de obras impressas periódicas que incluem anuários, revistas e jornais. O aumento só não é maior devido à falta de capacidade da sala de leitura, de acordo com o diretor Manoel Cícero Peregrino da Silva, o que dá a entender que a demanda era crescente.²⁸

Em 1909 a Biblioteca muda para o novo prédio e ele diz que "Mais do que os outros serviços da 1ª seção se ressentiu a consulta em consequência da mudança da Biblioteca (...)."29 A Primeira Seção, a mais frequentada, comportava as obras impressas e os periódicos. Mas mesmo com a mudança e a divisão da Primeira Seção em duas, com os livros separados dos periódicos, a capacidade é esgotada e o novo diretor em 1930 reclama de novo:

O número de obras consultadas, principalmente nas duas seções de impressos e jornais e revistas, demonstra ainda como a tendência é para aumento. O salão principal de leitura teve em 1930 duas vezes esgotada a sua capacidade, sendo necessário colocar mais 36 carteiras para atender ao número de leitores."30

Tabela 02						
Ano	Classes					
	Anuários e Revistas			Jornais		
	Volumes	Avulsos	Total	Volumes	Avulsos	Total
1912	9341	9928	19269	6746	16635	23381
1913	11341	10329	21670	9851	17363	27214
1914	7113	14733	21646	7107	19636	26743
1916	12098	16258	28356	9282	22965	32247
1917	11131	13523	24654	7702	20693	28395
1918	8681	10597	19278	6439	15620	22059
1919	8791	10929	19720	6672	16006	22678
1930*				15476		

Anais da Biblioteca Nacional – 1912-1930 (tabela composta com dados dos relatórios)

* O novo diretor muda a metodologia e só contabiliza Jornais, sem separar volumes e avulsos

A média diária de leitores de jornais (impressos avulsos, como é discriminado na Tabela 03) na Biblioteca Nacional também cresce durante as primeiras décadas do século XX o que, se não é um índice preciso, supre a ausência de estatística e nos dá uma noção de como a leitura de jornais se expandiu.

Tabela 03					
Leitores da 1ª Seção (Livros e Periódicos somados)					
	Leitores		Obras		Média diária de leitores
			Obras	Impressos avulsos	
1903*	-		-	-	106,4
1904	36.313		39.626	16.123	135,4
1906	36.057		38.824	15.685	138,1
1907	40.142		43.660	18691	148,6
1908	44.001		46.144	20.112	162,3
1909	33.059		35.484	15.469	192,2
1912*	63.842		71.438		186,6
1913*	77.103		96.916		223,4
1914*	79.459		93.808		233
1916*	88.978		111.088		260,1
1917*	78.334		103.011		231,7
1918*	61.757		82.637		185,5
1919	64.692		Obras	Impressos avulsos	189,2
			87.297	26.935	
1923*	-		-		149
1924*	-		-		182
1925*	-		-		163
1926*	-		-		163
1927*	-		-		176
1928*	-		-		176
1929*	-		-		188
1930	Obras	Jornais e Revistas	Obras	Jornais e Revistas	210
	56.778	9.117	104.676	15.476	

Anais da Biblioteca Nacional – 1903-1930 (tabela composta com dados dos relatórios)

* Estes dados se dão pelas constantes mudanças de metodologia de um relatório para outro e a frequente omissão de dados.

Com esses dados temos que além do leitor de jornais nos bondes, temos os leitores de jornais estrangeiros – através da compra direta em livrarias – e o leitor de jornais em acervos públicos. Isso nos dá a impressão de uma sociedade em que o hábito de ler jornais era muito generalizado.

De fato, em 1904, José Veríssimo assina uma coluna no *Almanaque Brasileiro Garnier* intitulada *Leitura de Livros* onde afirma que brasileiros nada liam com exceção de jornais, se comparados a europeus e norte-americanos.

Grandes e pequenos, fidalgos e plebeus, ricos e pobres, homens e mulheres, rapazes e meninos, senhores e criados, operários, artesãos, carregadores, funcionários, todos, nos bancos dos jardins ou na relva dos parques, nos ônibus, nos bondes, nos caminhos de ferro, nos vapores, nos salões dos hotéis, nos cafés e restaurantes, lêem livros, jornais, revistas magazines, de todo gênero, casta, volume e formato. É justamente o contrário aqui, onde salvo de manhã e à tarde quando algumas pessoas lêem nos bondes e outros veículos de condução coletiva, os jornais dessas horas, raro se vê alguém lendo em público, e até não deixa de causar espécie que se leia assim outra coisa que os jornais do dia.³¹

E o crítico literário segue fazendo uma divisão dos leitores brasileiros por gênero: mulheres que nada lêem "afora romances franceses e os romances-folhetim das folhas diárias (...) e aqueles mesmo escolhe-os mal" e homens – burocratas, capitalistas, negociantes, industriais, políticos, mundanos e "até o 'doutor' acompanham-na de perto: algum romance francês, se sabem esta língua, o que é corriqueiro, principalmente se é a novela picante, os jornais do dia, e nada mais."

É interessante que ele destaque mais de uma vez o domínio do idioma francês pelo leitor brasileiro, sendo mesmo o português preterido quando se trata de hábitos de leitura: "Sobretudo não lêem português; daí a triste língua que falam e escrevem, e ainda menos livros brasileiros."³²

O comentário do autor então nos dá algumas pistas de interpretação ligadas aos hábitos de leitura dos brasileiros desta época: a leitura mais voltada ao jornal que ao livro, restrita a determinadas ocasiões e a boa acolhida do idioma francês. Seu comentário ratifica tanto a caricatura de K.Lixto, como o catálogo da Livraria Lombaerts e os dados da Biblioteca Nacional.

"Ler jornais" era um hábito que, como temos tentado demonstrar, parecia se consolidar entre nós, apesar dos percalços de uma leitura vista como questionável por ser mais voltada para o entretenimento que para a formação erudita. E pela própria condição do jornal, entendido como efêmero, com uma escrita estandardizada e feita de fórmulas, sem a sofisticação e profundidade do livro, o que desqualificava tanto o jornalista em relação ao escritor, quanto o leitor.

Ferindo a noção romântica de literatura como arte desinteressada dos meandros do mercado, essa massificação tanto da produção como do consumo da escrita foi sistematicamente desprezada, relegando tudo o que a ela se associasse a um papel de inferioridade em relação à "verdadeira" formação do espírito. O intelectual que deveria ter a missão civilizadora seria o primeiro a criticar este processo.³³

De qualquer forma, visto pelo viés da crítica, como em José Veríssimo, ou como uma ascensão ao mundo da leitura – ainda que cômica – como em K.Lixto, o desenvolvimento do jornalismo no Brasil assim como das práticas de leitura a ele relacionadas era inegável e o número de leitores, aumentava.

Porém, o mais importante é não perder de vista as especificidades do caso brasileiro que Veríssimo tão bem destaca e que K.Lixto ironiza no traço caricato. Aqui esse processo se deu em um contexto bastante diverso do europeu, sendo difícil afirmar que a universalização das técnicas e temas gere a universalização das práticas de leitura.³⁴

O aumento de circulação de periódicos e a expansão de um público leitor já havia sido notado por Heloísa de Faria Cruz³⁵ em um trabalho pioneiro. Atualmente, os trabalhos sobre história da imprensa têm se multiplicado, alguns deles citados neste artigo. É, por conseguinte, com esta história da leitura de jornais que este artigo pretende contribuir.

Quando partimos das caricaturas de leitores de jornais de K.Lixto tentamos demonstrar como este incremento do jornalismo na passagem para o século XX pode ter inspirado o humorista. Um ano mais tarde, em 1908, nesta mesma *Fon-Fon* ocorre um cômico debate sobre qual seria a melhor caricatura do brasileiro³⁶. K.Lixto sugere a criação de um concurso, recusando a imagem nua do "botocudo envergonhado". Como o concurso não se realizou e a discussão sobre uma identidade brasileira foi inconclusiva durante a Primeira República, acabamos ficando com a suspeita de que, talvez, para K.Lixto, a melhor representação senão do brasileiro, mas ao menos do carioca, seria a do passageiro de bonde a ler jornais.

Se a imagem é também agente da realidade, essa auto-representação de leitor civilizado parece ter se impregnado ao menos nas camadas médias que queriam se projetar como elite erudita e que José Veríssimo ironizava. E apesar de não se poder generalizar a representação do leitor de jornais que K.Lixto faz para todo o Brasil, nem mesmo para todo o Rio de Janeiro, é fato que o tema só surge porque a prática de leitura de jornais passa a compor o cotidiano mais prosaico, como o próprio ato de pegar o bonde no fim do expediente.

E é esta particularidade, esta busca pela postura "civilizada" tão deslocada por vezes no contexto de contrastes entre o trabalhador pobre, descalço e sem jornais em oposição ao estrangeiro endinheirado, bem vestido e leitor de revistas, que faz da caricatura uma peça cômica, é esse deslocamento que causa o riso. Afinal, ainda não éramos um país de leitores, como nunca chegaríamos a ser.

É preciso, de fato, fazer uma história da leitura de jornais, uma vez que o hábito existia, mas sem deixar de estar atento à singularidade da nossa própria história.

Recebido em 31/05/2010

Aprovado em 10/06/2010

¹ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *Voltolino e as raízes do modernismo*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1992, p. 7.

² DUPRAT, Annie. *Images et Histoire – outils et méthodes d'analyse des documents iconographiques*. Paris: Éditions Belin, 2007, p. 88

³ "Figurer le roi Louis XVI sous l'apparence d'un cochon à longueur des caricatures après l'échec de sa tentative de fuit hors de royaume en 1791 fonctionne comme une première mort du roi, symbolique, avant l'exécution réelle en janvier 1793; mais cette anticipation du réel peut également être lue comme un épisode créant les conditions facilitant l'événement.", *idem*, p.88.

⁴ BELLUZZO, *op.cit.*, p. 52.

⁵ TILLIER, Bertrand. *À la charge - la caricature en France de 1789 à 2000*. Paris: Les Éditions de L'Amateur, 2005, p. 12.

⁶ BAUDELAIRE, Charles. De l'essence du rire et généralement du comique dans les arts plastiques In: *Curiosités esthétiques*. Paris: Garnier, 1986, p. 242 *apud* TILLIER, *op.cit.*, p. 12.

⁷ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1963.

⁸ ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso In: MARTINS, Ana Luiza e Luca, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 90.

⁹ MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em Tempos de Império* In: MARTINS e LUCA, *op.cit.*, pp. 63, 64. SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2007, p. 301. SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso – a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Editora Companhia. das Letras, pp. 38, 39.

¹⁰ ALENCASTRO, Luís Felipe de (org.). *Império: a corte e a modernidade nacional* In: Fernando A. Novais (coord.). *História da vida privada no Brasil*. 1997, v. 02, p. 79.

¹¹ "La caricature est un dessin polemique qui utilise soit la déformation des corps, soit l'animalisation, soit un mise en scène. Si elle n'a pas toujours vocation à déclencher le rire, elle cherche à ridiculiser, à provoquer, ou encore à stigmatiser une situation ou personne.", *Images et Histoire – outils et méthodes d'analyse des documents iconographiques*, Duprat, *op.cit.*, p. 143, tradução nossa.

¹² CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

¹³ GUIMARÃES, Valéria. *Sensacionalismo e modernidade na imprensa brasileira no início do século XX*. Revista ArtCultura, Uberlândia: UFU, v. 11, n. 18, p. 227-240, jan-jun. 2009, disponível online: < http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF18/v_guimaraes_18.PDF>

¹⁴ BENJAMIN, Walter. 1ª ed. *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, v.3, p. 48, 49.

¹⁵ Um dos vespertinos de maior tiragem da época, com grande espaço para o noticiário de fatos diversos que eram compostos por notícias rápidas sobre o cotidiano, crimes e prodígios de todo tipo, com um forte componente de entretenimento. Sobre o periódico *A Notícia*: LUCA, Tania Regina de. *A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX* In: MARTINS e LUCA,

op.cit., p. 160. SODRÉ, *op. cit.*, p. 285. Sobre as seções de fatos diversos: GUIMARÃES, Valéria (escolher um artigo).

¹⁶ SUSSEKIND, Flora. *Cinematografo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 118.

¹⁷ SODRÉ, *op. cit.*, p. 215.

¹⁸ Como algumas análises generalizantes normalmente dão a impressão a exemplo de BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa – Brasil 1900/2000*. RJ: Mauad: 2007.

¹⁹ *Gazeta de Notícias*, 21/10/1875.

²⁰ *Os Capoeiras*, *Gazeta de Notícias*, 11/08/1876.

²¹ BARBOSA, *op.cit.*, 2007, p. 27.

²² Dados colhidos em pesquisa nos microfimes do jornal *A Gazeta de Notícias*, no acervo de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional.

²³ SODRÉ, *op.cit.*, p. 215.

²⁴ ALENCAR, José. *Ao correr da Pena – folhetins do "Correio Mercantil"* (3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855); folhetins do "Diário do Rio" (de 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro de 1855). São Paulo: Editora Edigraf, s/d.

²⁵ ALENCAR, *op.cit.*, p. 43, 44.

²⁶ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: PUC, 2006, p. 308.

²⁷ KOSELLECK, *op.cit.*, p. 313.

²⁸ " Sr. Ministro, Aguardando a transferência para o novo edifício, não se tem podido dar remédio à situação difícil que o estabelecimento vem atravessando, quer por insuficiência do pessoal, quer por escassez de espaço (...) É de crer porém que, com a nova instalação que vai ser proporcionada à Biblioteca, se dissipem esses obstáculos..." In: *A Biblioteca Nacional em 1908 - Relatório que ao Sr. Dr. Augusto Tavares de Lyra– Ministro da Justiça e negócios interiores – apresentou em 15 de fevereiro de 1908 o diretor Dr. Manoel Cícero Peregrino da Silva*, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1913, p. 5.

²⁹ *A Biblioteca Nacional em 1909 - Relatório que ao Sr. Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira – Ministro da Justiça e negócios interiores – apresentou em 30 de março de 1909 o diretor Dr. Manoel Cícero Peregrino da Silva*, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1914, p. 13.

³⁰ *A Biblioteca Nacional em 1930 - Relatório que ao Sr. Dr. Francisco Luiz da Silva Campos – Ministro da Educação e Saúde Pública – apresentou em 1 de fevereiro de 1931 o diretor geral Dr. Mário Behring*, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1931, p. 30.

³¹ José Veríssimo, *Leitura de Livros* In Almanaque Brasileiro Garnier, 1904, p. 202.

³² *Ibid.*, p. 202.

³³ DELPORTE, Christian. *L'américanisation de la presse? Éclairages sur un débat français et européen (1880-1930)* In: MOLLIER, Jean-Yves; SIRINELLI, Jean-François et VALLOTON, François. *Culture de Masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques 1860-1940*. Paris: Presses Universitaires de France, 2006, p. 209-222. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, SP: Editora Brasiliense, 1989, 3ª edição.

³⁴ Quando Roland Barthes fala da universalização dos temas do *fait divers*, por exemplo, tratando-os como fatos sem contexto, peca por considerá-lo a-histórico. Queremos dizer que mesmo as notícias mais gerais, cujas fórmulas são muito ancestrais e universais, carregam uma especificidade histórica. Tratamos deste tema no artigo: GUIMARÃES, Valéria. O conto do Vigário nos primórdios da imprensa de massas. In: FERREIRA, Jerusa de Carvalho Pires; ARÊAS, Vilma Sant'Anna (Org.). *Marlyse Meyer nos Caminhos do Imaginário*. 1a. ed. São Paulo: Edusp, 2009, p. 91-101.

³⁵ CRUZ, Heloísa de Faria. *SP e papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890/1915*. SP: Educ/FAPESP, 2000.

³⁶ SALIBA, *op. cit.*, p. 124.